

# Aula 4

## AFINAL, O QUE É CULTURA?

### **META**

Explicitar o termo cultura e sua importância na compreensão dos modos de ser dos povos.

### **OBJETIVOS**

Ao estudar esta lição, o aluno deverá:  
explicar o conceito de cultura.

### **PRÉ-REQUISITOS**

Ter assimilado o conteúdo das aulas 01 a 03.

**Antônio Lindvaldo Sousa**

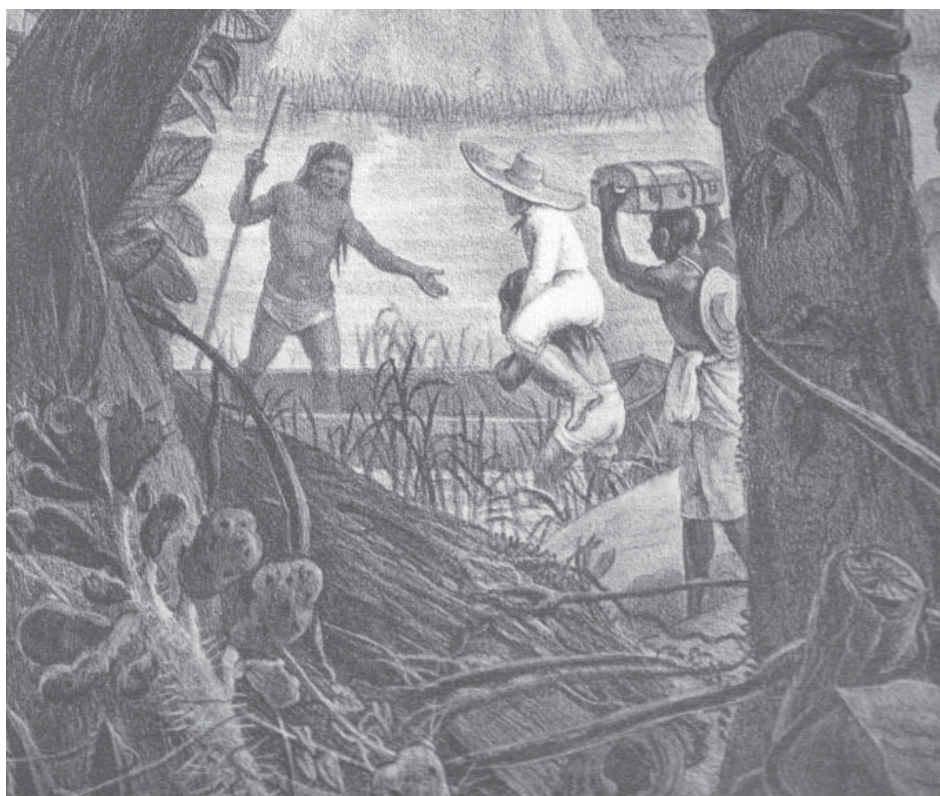
### INTRODUÇÃO

Caro aluno ou querida aluna: antes de falarmos sobre os primeiros habitantes de Sergipe, vamos acompanhar alguns conceitos, com os quais, certamente, você não concorda: “Os índios são bárbaros. Eles não têm religião, regras morais, leis e rei”. Você sabe qual a origem desses conceitos? Estas frases foram escritas por diversos cronistas, viajantes, religiosos e funcionários reais que chegaram do “Velho Mundo” à América. **Pero Magalhães de Gândavo** e **Gabriel Soares de Souza**, por exemplo, afirmavam que os índios “não têm nem fé, nem lei, nem Rei”.

Ver glossário no final da Aula

Gândavo e Souza pertenciam a um outro modo de ser gente, a uma outra cultura e, por isto, estavam espantados com a diferença do modo de ser dos índios brasileiros.

Dois modos de ser gente. Um, dos índios, considerados “sem fé, sem lei, nem Rei” e o outro, do “Velho Mundo”, o dos portugueses, daqueles que têm a fé, a lei e o rei. Isto quer dizer dois modos de cultura. Mas, afinal, o que é cultura?



Índios Goianá (detalhe), s.d., óleo sobre tela, Jean Baptiste Debret.

## O QUE É CULTURA?

Comer carne de vaca é proibido na Índia, da mesma forma que comer carne de porco é interdita aos judeus e muçulmanos. A carne de vaca não é degustada na Índia porque esse animal é considerado sagrado entre os indianos. É interessante observar que para eles a vaca tem um valor diferente do nosso. A carne de vaca é consumida como cardápio de muitos brasileiros.

Comer carne de vaca ou tratar esse animal como divindade são exemplos de como cada cultura tem uma relação própria com a natureza. A vaca, vista como divindade, pode receber enfeites no seu corpo e ser tratada com muitas regalias. Tais comportamentos podem ser estranhos para nós, da mesma maneira que comer a carne desse animal soa como um sacrilégio para os indianos.

Vamos pensar mais um pouco sobre o que é cultura. Pensemos na diferença entre os homens e os outros animais.

O ser humano é o mais frágil dentre os animais. No início da formação da humanidade, o homem foi construindo artefatos diante das suas dificuldades cotidianas para se manter vivo. Imagine o que fez para vencer um inverno rigoroso? Qual a solução encontrada para se defender do ataque de outros animais? Que teria feito diante do desconhecido? Quais as necessidades criadas além da sobrevivência? Não construiria mitos, símbolos, rituais, além dos artefatos materiais?

Somos animais construtores do nosso mundo, da nossa cultura. Diferenciamos-nos dos outros animais em muitos aspectos. O pássaro “joão-de-barro” é conhecido pelas suas habilidades de fazer uma casa de barro. Mas, todas as gerações desse pássaro fazem e continuarão fazendo o mesmo tipo de construção. Eles nunca poderão criar jardins, mudar as paredes, pintá-las de cores diferentes ou colocar santos em casa, introduzir um elevador ou vender a casa que construiu. Esses pássaros têm ações praticamente pré-determinadas. Vejamos outro exemplo. Que faz o urso quando o inverno chega? Irá produzir um casaco ou um abrigo para se proteger do frio? Sabemos que esse tipo de animal tem sua própria defesa desde quando nasce. Consegue se aquecer com a própria pele.

Não podemos dizer o mesmo do ser humano. Da fragilidade nasce sua força. Retornemos às perguntas anteriores. Qual a solução para se defender do ataque de outros animais? Imagine o que fez o homem para vencer um inverno rigoroso! O homem estava diante da sobrevivência. Diariamente, produziu artefatos, símbolos, rituais e sociabilidades. Todavia, nem sempre essa produção é funcional no sentido de atender somente às necessidades básicas de



(Fonte: <http://lhe.google.com.../sellonstreetw.jpg>).

sobrevivência. As razões que estimulam a criação de um artefato e de símbolos, por exemplo, são infinitas. **Cornelius Castoriadis**, em *A Instituição Imaginária da Sociedade*, nos diz que o homem não vive somente para comer e come para sobreviver. O ser humano gera inúmeras necessidades diante das infinitas perguntas e respostas que vai dando à vida.

O que diríamos, então, sobre o sentido da vaca não ser um alimento saboroso e, sim, um ente sagrado? Há algo de inferior nos povos que adoram vacas e superior nos que a percebem como tendo uma carne saborosa? Adorar vacas não é uma superstição?

Só compreenderemos o porquê da adoração às vacas, ao invés de comê-las, quando entendermos que cada povo tem uma cultura. Os símbolos, os eventos e os artefatos materiais são infinitos porque as necessidades dos povos não são as mesmas. Não há nenhuma cultura superior a outra. Há muito sentido nos comportamentos de adorar ou comer as vacas.

Voltemos ao início da nossa discussão. Pensemos na afirmação de que os nossos primeiros habitantes não tinham fé, lei e rei, conforme afirmou Gândavo e Souza. Será que os índios brasileiros eram bárbaros, não tinham nenhum nível de organização, eram ingênuos? Ou podemos dizer que os representantes do “Velho Mundo” olhavam os índios a partir de sua própria cultura, das suas necessidades?

Certamente, ao responder tais perguntas, estamos definindo o termo cultura. Estudar cultura é compreender o fazer social dos indivíduos de “carne e osso”, sua experiência cotidiana, onde vários artefatos materiais e imateriais são produzidos. Assim, os homens do Velho Mundo estavam cumprindo sua cultura na medida em que identificavam os índios como bárbaros de acordo com o seu fazer social. Da mesma forma, os considerados bárbaros não eram bárbaros. Tinham também um modo de fazer social com seus respectivos artefatos materiais e imateriais. Esses modos de ser diferente do ser humano é o que denominamos de cultura.



(Fonte: <http://www.turismosertanejo.com.br/imagensnoticias/MissadoVaqueiro1.jpg>).

## CONCLUSÃO

Com o estudo desta lição, demonstramos que não há cultura superior nem inferior. Cada povo tem os seus próprios valores, suas crenças, seus saberes, suas festas, sua história, e a soma disso tudo representa os seus traços culturais, que se manifestam no que chamamos “modo de ser”. Portanto, o respeito às diferenças é fundamental no estudo da história, para que se evitem preconceitos nocivos à imparcialidade diante dos acontecimentos.



### RESUMO

Caro aluno ou estimada aluna: inicialmente nós observamos como a visão de mundo dos europeus rotulou os índios que habitavam no Brasil. Depois, com o aprofundamento do estudo, verificamos que, na verdade, os europeus apenas tinham valores próprios que geravam uma forma diferente de ver o mundo, um modo de ser. Em síntese, procuramos mostrar que cada povo tem a sua própria cultura, e que é necessário entendermos o modo de ser de cada comunidade dentro do seu tempo e do seu espaço.



### ATIVIDADES

Identifique e catalogue traços culturais próprios dos moradores da zona rural do seu município.

## REFERÊNCIAS

- BURKE, Peter. **Variedades de História Cultural**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2000.
- HUNT, Lynn. **A nova História Cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- LARAIA, Roque de Barros. **Cultura, um conceito antropológico**. 19 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006, p. 87-101.
- LEVY-STRAUSS, Claude. **Raça e história**. Lisboa: Editorial Presença, 1989.
- PESAVENTO, Sandra Jatary. **História e História Cultural**. Belo Horizonte (MG): Autêntica, 2004.
- SANTOS, José Luis dos. **O que é cultura**. Rio de Janeiro: Brasiliense, 2005.
- SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 5 ed. Petrópolis (RJ): Vozes, 2000.

Site:

<http://www.conexaodanca.art.br/imagens/textos/artigos/cultural.htm>.

## GLÓSSARIO

Gabriel S. de Souza: Colonizador, dono de engenho, comerciante, sertanista e navegador português nascido em Ribatejo. Escreveu o Tratado descritivo do Brasil (1587), que se constitui um dos primeiros e mais extraordinários relatos sobre o Brasil colonial, publicado postumamente por Varnhagen (1879), em Lisboa.

Pero de M. Gândavo: Historiador, gramático e cronista português do século XVI, nascido em Braga, em data ignorada, autor do primeiro manual ortográfico da língua portuguesa e da primeira História do Brasil, a História da província de Santa Cruz (1576). Morreu em Portugal, em local incerto.

Cornelius Castoriadis: (1922—1997) Filósofo francês. Autor de inúmeras obras de filosofia e, em especial, de filosofia política. É considerado um filósofo da autonomia. Dedicou-se também à teoria psicanalítica.